

RESENHA: PRECIADO, PAUL. JE SUIS UN MONSTRE QUI VOUS PARLE. EDITIONS GRASSET ET FASQUELLE, PARIS, 2020.

Leonardo José Gomes da Silva¹

RESUMO: A presente resenha busca tratar dos principais pontos do discurso escrito de Paul Preciado na Escola da Causa Freudiana em Paris, transformado em livro em 2020. Na mesma tentativa, busca-se correlacionar também as dimensões teóricas essenciais do seu pensamento.

PALAVRAS-CHAVE: Psicanálise. Teoria Queer. Antropologia. Gênero.

REVIEW: PRECIADO, PAUL. JE SUIS UN MONSTRE QUI VOUS PARLE. EDITIONS GRASSET ET FASQUELLE, PARIS, 2020.

ABSTRACT: This review seeks to address the main points of Paul Preciado's written speech at the Escola da Causa Freudiana in Paris, which was transformed into a book in 2020. In the same attempt, it also seeks to correlate the essential theoretical dimensions of his thought.

KEYWORDS: Psychoanalysis. Queer Theory. Anthropology. Gender.

A originalidade no pensamento de Paul Preciado é uma característica presente em seus escritos e não se esgota em núcleos fechados, é também fiel à noção de perturbar noções sociais, filosóficas e da experiência humana pré-existentes, quase nunca remexidas. Possuindo mestrado e doutorado em Filosofia e Estudos de Gênero, o autor é tido como ponto essencial para o desenvolvimento dos *Estudos Queer* no plano teórico ocidental. Em novembro de 2019, Preciado é convidado para palestrar nas Jornadas Internacionais da Escola da Causa Freudiana, Paris, com o tema: “Mulheres na Psicanálise”, contando com um público de cerca de 3.500 presentes, entre psicanalistas e estudiosos da área. O estímulo de um discurso energizante gera o seguinte livro: “*Je suis un monstre qui vous parle*”



¹ Estudante de graduação em Ciências Sociais, vinculado em pesquisas no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Pernambuco. Pesquisador do Observatório de Cultura, Religiosidades e Emoções.

publicado em 2020 pela “*Editions Grasset et Fasquelle*”, ainda sem tradução no português. O protagonismo exercido pelo autor reverbera rapidamente na repercussão criada em torno da obra, e através de um rompimento brusco com a epistemologia dominante da Psicanálise o filósofo propõe um contra-discurso produtor de tecnologias anti-patriarco coloniais².

O livro é dividido em 3 partes, sendo complementado por uma introdução vagamente extensa sobre o que está sendo proposto ali. Antes de mais nada, nas primeiras páginas o autor cita diretamente “Um Relatório Para Uma Academia”, de Franz Kafka e nele tendo como narrador o personagem de Pedro Vermelho. Um macaco que diante da Comunidade Científica decide falar sobre o condicionamento evolutivo que passou até que alcançasse vias próximas da existência humana, como a fala. É no nível da comparatividade de papéis promovida pelo autor, em acepção metafórica, que ocorre uma semelhança com a condição “cativa” de Pedro Vermelho e Preciado, estando ambos instrumentalizados pela norma científica e lançados na qualidade de monstros. Isso porque, a inserção do conto de Kafka vem para colocar em debate o ideal de humanismo colonial europeu, como esforço desmedido capaz de escravizar povos, aniquilar culturas e efetuar a taxonomia de um tipo “ideal” de ser humano. Ainda discorrendo sobre tal questão, é registrado pelo filósofo um novo nascimento decorrente da socialização de seu novo corpo e natureza, entendendo-os como inescapáveis da esfera política dominante, estando a evasão desse padrão proposta como resposta à tal imposição. É preciso achar uma saída desse complexo da diferença sexual através da reinvenção de si mesmo.

Para entender a desconstrução inserida logo sumariamente, de fato precisamos jogar luz na obscuridade do regime da diferença sexual

² Em francês: “*patriarches-coloniaux*”

movimentado pela Psiquiatria, Psicanálise, Antropologia, Direito, Medicina e outras formas de fazer discursos. É interrogar, sobretudo, um sistema de representações na História, agrupamentos de instituições, práticas, convenções científicas, contratos jurídicos que normatizam posições e equiparam-nas em dispositivos de verificação de ontologias: aqui, se decide o que é viável ou não, o que é correto e o que foge da normalidade, o que é saúde e o que é doença. Nesse sentido, Preciado (2020) dispõe de uma tríade de pensadores: Donna Haraway, Bruno Latour e Ian Hacking, todos influenciados pela compreensão de Thomas Kuhn sobre paradigmas científicos no funcionamento de epistemologias. Tais paradigmas, ou melhor, convenções teórico-metodológicas de uma ciência, ditam a ordem do visível e invisível e ajudam a autenticar uma hierarquia de corpos, politizados por modos de inibição da diferença. São noções psicanalíticas que, em um jogo de interdição constante, homologam formas de vida e produções humanas. Ainda nesta dimensão fica inevitável localizar o arranjo da Psicanálise e outras máquinas de fazer discursos na apoteose colonial. Simultaneamente, a isto, a significação de experiências liminares ou marginais inexistem senão em termos patologizantes. Grande exemplo disto seria o restabelecimento da cura pela fala e outros artifícios estimados pela prática Freudiana sendo elaborados por tipologias específicas. Provenientes de uma linguagem hegemônica: Como se explicaria então a transgressão do binarismo homem-mulher? Ou até mesmo, a autêntica fábula heterossexual? Em complexos de Édipo? Fase fálica? Histerias?

Violar a reestilização do consciente como estratégia de fuga parece colocar em relevo outra política. Ao tomar a liberdade como negada e, ao mesmo tempo, sendo costurada em retalhos discursivos e práticos, Preciado (2020) coloca a necessidade de espaço para novas linguagens e enredos tecidos por monstros e dissidentes, como também uma questão de



sobrevivência. Uma ferramenta argumentativa interessantemente colocada na obra é a jornada pessoal como fornecedora de um fluxo poético estilístico que dá o tom, por vezes emocionante do texto, afinal a dor relatada é articulada antes na carne, do que na palavra. O desencaixe entre o polo da masculinidade viril normalizada e o da feminilidade fragilizada é apresentado por Preciado (2020) e opera distensões em domínios de poder, a liberdade mais uma vez é elaborada por detrás de prisões existenciais, lugares hostis e disruptivos.

O esforço da Psicanálise em analisar traumas que causam reversão revelam uma engrenagem ainda pormenorizada, uma estrutura que possui em si motores coloniais que criptografam códigos culturais, inseridos em modelos muito bem delimitados e invariáveis. Modelos que o autor contrapõe e utiliza como rota de fuga ferrenhamente: “eu nunca teria podido escapar... Ou, para ser mais preciso, descolonizar-me, desidentificar-me, desbinarizar-me”. (PRECIADO, 2020, p. 19, tradução minha). Neste momento, a pulsão de cruzar as fronteiras, descortinar as jaulas e descobrir as chaves de liberdade é ainda mais compelida, fazer gênero é como um arranjo mecânico necessário “com o hormônio ou com outro código vivo” (Preciado, 2020, p. 21, tradução minha). A crítica interpela motivos suficientes para mover uma reflexividade ao público, algo capaz de constranger prerrogativas, funções e meios tão amplamente ritualizados e defendidos pela disciplina citada.

Em primeiro lugar, no início do livro (introdução e primeiro capítulo) são lançadas as bases necessárias para o entendimento de uma epistemologia com fundamentos lógicos, e fabricante de um paradigma específico sobre modos de vida possuindo um caráter histórico-normativo. Como tal, é vulnerável a uma mutabilidade motivada por sujeitos que se

movem contra este imperativo e recriam novas estratégias de sobrevivência, são estas:

(...) novas práticas de parentesco, relações amorosas, identificações de gênero, desejo, sexualidade, nomeação são apenas indicações dessa mutação e experimentos na fabricação coletiva de outra epistemologia do corpo humano vivo”. (PRECIADO, 2020, p. 28)

Em segundo lugar, do meio ao fim do livro (segundo e terceiro capítulos) tais táticas são vistas e ajudam a construir uma arquitetura política capaz de resistir aos abalos sísmicos da diferença sexual. Preciado (2020) localiza uma crise interna desde os anos 1940 nesse regime com o advento de novas formas de articulação políticas, bem como o: “surgimento de novos dados morfológicos, cromossômicos e bioquímicos que tornam a atribuição binária do sexo, no mínimo conflituosa, se não impossível” (PRECIADO, 2020, p. 27).

Em terceiro lugar, Preciado (2020) atesta sobre uma revolução porvir, capaz de colocar no jogo social novas epistemologias mutantes que passam a adquirir uma outra natureza. Não sendo apenas uma visão de mundo ou uma simples representação subjetiva, mas uma experiência que seja possível aos que almejam outras totalidades ontológicas. Esta última passará a superar caminhos estreitos entre o reducionismo de formulações que integram o ser- homem/mulher e o antropocentrismo do homem branco. Convocar a monstruosidade aqui, me parece, mais que um ato meramente fronteiriço. Ela reincide como a reificação de uma nova normalidade, personificada, e não manipulada por um inquérito ou modo organizacional colonial.

Sendo assim, pode-se observar também além de uma disputa sistematizada em nossa cultura sobre o gênero-sexo (ou sexo-gênero), um



modo específico de relações entre complexos patriarcais que produzem formas argumentativas, instâncias estéticas, corpóreas, antropológicas, sensorialidades, conjuntos de afirmações. Portanto, neste último momento, o filósofo afirma sobre a remoção das sessões políticas (menção às sessões no divã, como processo politizado e politizador), práticas e teóricas da epistemologia da diferença-sexual. As assimetrias decorrentes dessa matriz homogênea revelam a necessidade de, não apenas a reinvenção de nossos saberes, mas a ampliação de um horizonte que percorra novas organizações sociais. É hora de se engajar na agência de um “outro” político, nos códigos geradores de novas epistemologias, da multiplicidade que fala o inconsciente, que permita desterritorializar o poder, repolitizar as tecnologias de gênero, criticar hiperbolicamente a norma, insubordinar-se às intervenções. Aqui aprendemos que o conhecimento científico é também um meio de produzir verdades e identidades que são pré-significantes em disposições semânticas. Logo, desarranjar essências, armar outros panoramas, desassimilar disciplinas, efetuar rompimentos, enfim, remexer o que deve ser mexido, são tarefas para o momento. Além de ouvir o que os monstros têm a dizer, e acredite, eles estão vociferando para além de suas jaulas e desenhando outras rotas de fuga possíveis.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

PRECIADO, P. **Je suis un monstre qui vous parle**. Editions Grasset et Fasquelle, Paris, 2020.